# RELIGIOSIDADE SERTANEJA: AMANHECER ESPERANÇA, ADORMECER PACIENCIA.

**EMILY RODRIGUES DOS SANTOS ***

> *Primavera*
>
> *Entrou a primavera. Fogem no céo, para o norte, os últimos nevoeiros flácidos de um inverno sem chuvas. Começam a desabrochar, como rosas, lindas manhãs coradas; e a luz vesperal tem a suavidade macia das piedosas orações consoladoras. Mas nunca o sertão viu despontar Primavera mais triste!*
>
> *Os campos ressequidos têm, apenas a amenizar-lhes o aspecto acabrunhador, a floração heróica dos umbuzeiros, e, ao luar dessas noites quentes, de longe em longe, os flocos de neve da flor de "barriguda" a caírem branqueando em torno a arvore singular.*
>
> *Andam pelo espaço gemidos aguniados das victimas desse monstro sanguinário que a fatalidade atirou sobre as terras infelizes, e as preces dos que ficaram a implorar a misericórdia de Deus. É uma primavera triste esta!*
>
> *Nem as alegrias da natureza, que desperta para a vida, podem ser saudadas pelas almas amarguradas dos sertanejos...por toda a parte, o lucto chora a desolação geme na paisagem quieta, onde o olhar apagado das lagoas mortas parece querer também implorar do infinito o milagre da paz que se foi...(sic)*[2]

Todo ano é a mesma coisa, esperar parece ser a sina do sertanejo, que ansiosamente aguarda os sinais de chuva. Em dezembro, cheio de esperança espera pela barra de natal, dezembro passou e viu frustrada sua expectativa. Acreditou mais uma vez, tentou prever a chegada da chuva através das pedras de sal, estas também não lhe deram boas noticias, mas acredita que março mês de São José trará o anúncio de um ano bom. No entanto, de forma bastante pesaroso e melancólico o Jornal Correio de Bonfim anuncia a advento da primavera do ano de 1931, primavera que não apresentou os sinais que indicariam a chegada da tão esperada chuva, sinais observados com tanto empenho pelos sertanejos da região e assim, a esperança vai morrendo junto com a plantação.

* Mestranda pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, Bolsista pela CAPES.

[2] *Correio do Bonfim*, 1 de outubro de 1931, Ed. 01 pag.01.

A primavera passou e com ela não se foi o sol causticante, com o verão, ele se apresentou mais forte e impiedoso. Até a natureza parece fazer coro e se juntar aos sertanejos nas suas orações. Nessas primeiras noticias sobre a seca, os sertanejos

atingidos diretamente por seus efeitos, eram vistos pelos jornais, como agentes passivos, que apenas se deixavam sofrer os desmandos de uma natureza cruel, de um meio inóspito a pedir misericórdia a Deus, para que este pudesse amenizar lhes o sofrimento. "Andam pelo espaço gemidos aguniados das victimas desse monstro sanguinário que a fatalidade atirou sobre as terras infelizes, e as preces dos que ficaram a implorar a misericórdia de Deus." A ideia de seca enquanto castigo divino era uma ideia recorrente. "A seca não é outra coisa que a *justiça divina* decretada" (GOMES, 1998:65). O homem deveria, portanto, suportar resignado por saber que é pecador.

> *A seca foi significada no imaginário sertanejo como vontade de Deus, não gratuita, mas motivada pela condição de pecador e pela natureza e gravidade dos pecados. Autodenominando-se pecadores, os sujeitos admitem de forma inconteste merecer algum tipo de castigo. (GOMES, 1998:111)*

O jornal *O Correio de Bonfim* partilha da concepção de Euclides da Cunha, onde este, baseado nos princípios de civilização e cientificismo de sua época, calcados em determinismos climáticos e biológicos, ajudou a criar uma memória sobre o homem do sertão na qual este estaria "envolto numa atmosfera de resignação aos ditames de Deus no seu sofrível cotidiano, espaço inóspito, em que o sol também surge como personagem" (SILVA JUNIOR, 2009: 125)

> *O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de má luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem. A principio este reza, olhos postos a altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobraçando os santos milagreiros, cruzes alçadas, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando, lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras – não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos claudicantes, mudando os santos de uns para outros lugares. Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes. Rebrilham longas noites nas chapadas, pervagantes, as velas dos penitentes... Mas os céus persistem sinistramente claros; o sol fulmina a terra; progride o espasmo assombrador da seca. O matuto considera a prole apavorada; contempla entristecido os bois sucumbidos, que se agrupam sobre as fundagens das ipueiras, ou, ao longe, em grupos erradios e lentos, pescoços dobrados, acoroados com o chão, em mugidos prantivos "farejando a água"; - e sem que lhe amorteça a crença, sem duvidar da Providencia que o esmaga. (CUNHA, 2003: 132-33)*

Essa imagem do sertanejo difundida por Euclides da Cunha estava profundamente marcada por essa busca identidade nacional, que estava fundada sob a dicotomia litoral/sertão, moderno/arcaico e civilização/ barbárie. É uma visão que parte de uma "estranheza piedosa". "Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro ás aberrações católicos, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas (...) na vida sertaneja, se condensam no seu misticismo feroz e extravagante." (CUNHA, 2003:144). Cunha apresenta

as imagens do sertanejo enquanto fanático e alienado, segundo a visão de uma sociedade que se pretendia culta e que buscava o progresso e a civilização.

> *Já houve quem tivesse a idéia feliz de dizer que o sertanejo é um homem de pouca sorte. De facto. Mas elle, em compensação, não sabemos se pela bravura da raça ou verdadeira ignorância dos seus direitos, calmo, sorridente, analphabeto, opilado, famintos de unhas grandes, cabellos crescidos, mãos callosas e pés descalços, assiste impassível e esperançoso o desenrolar de sua pouca sorte (sic)* [3].

A construção dessas imagens, onde se busca enfatizar o horror do flagelo, da fome e da miséria, foi um argumento amplamente utilizado, que tem se mostrado eficiente ao longo dos anos, com o propósito de angariar recursos, trazer investimentos para as cidades da região. Podemos perceber na reportagem do jornal *O correio do Sertão* de que maneira a imagem do sertanejo foi divulgada e assimilada.

O homem do sertão foi visto como um homem apático, sem interesse e capacidade política de reivindicar seus direitos, no entanto, conforme as consequências da seca foram se agravando, a maneira como esses atores sociais apareciam nas noticias, também se transformaram, a depender da perspectiva que se queria ressaltar, estes passavam de vítimas da natureza a perturbadores da ordem. Despertando a principio, a caridade e misericórdia, mas também a ira e a repulsa dos moradores da cidade.

## "a natureza tem por esporte anunciar, generosamente, as suas intenções"

Em regiões em que o fenômeno da seca se apresenta com frequência, a religiosidade é profundamente marcada pelo binômio; seca ligada a sofrimento e chuva associada a bonança. Não é apenas uma religião em si, é muito mais um modo de vida, um conjunto de valores morais que fundam e sustentam as experiências diárias, portanto, a religiosidade sertaneja deve ser entendida enquanto manifestações culturais (CAMPOS, 2002). "Assim os lavradores sincronizaram a cronologia da falta de chuvas com longas demonstrações de fé: as romarias, as rezas e Natal, Ano e Reis" (SANTANA, 1998:93). A religiosidade sertaneja se apresenta permeada por elementos materiais e culturais do cotidiano que permitiam a construção de medidas e previsões do tempo ou a época propícia para plantar e trabalhar. O Jornal *Correio do Sertão*, buscando tranquilizar a população, escreveu:

> *Um communicado da Directoria de Meteorologia do Rio de Janeiro annuncia que o corrente anno de 1932 será de copiosas chuvas, enchentes e muita abundancia em*

[3] *Correio do sertão*, 24 de janeiro de 1932, Ed. pag. 01.

> *todo paiz, especialmente para os lados do Norte onde se encontra situado o grande estado da Bahia. (sic)*[4]

*O Correio de Bonfim* anuncia ainda,

> *O ano de 1932 será de chuvas copiosas, havendo grandes enchentes no Nordeste, que irá atravessar um período de abastança em contraste com a secca atual. Como se vê não é a palavra de uma phytoniza nem o sonho complexo de um visionário é a voz da sciencia que reflecte longas e pacientes observações dos sábios que nos vem dar essa nova alviçareira. Alegremo-nos!(sic)* [5]

A previsão feita pela Diretoria de Meteorologia do Rio de Janeiro estava equivocada, mesmo estando baseada nos métodos e na precisão científica. Entretanto, os sertanejos elaboravam, através da relação com a natureza, suas próprias formas de conhecimento e saberes acerca da seca, buscando perceber sinais de "anos ruins".

> *A seca, de fato, já há muito tempo se havia tornado um objeto de conhecimento para o vaqueiro errante, para o camponês tradicional e para todos que transitavam pelas áridas estradas do sertão. Décadas de experiência haviam elaborado um saber que se transformava em resignação diante de seu próprio objeto (NEVES, 2000: 106).*

Esses conhecimentos, na maioria das vezes, baseavam-se na observação de plantas, como por exemplo, o fato de que se o umbuzeiro flora cedo não é bom sinal. Pode basear-se ainda em fenômenos atmosféricos, onde se o trovão é do sul, o ano costuma ser de seca. Mas a última experiência do sertanejo refere-se ao dia de São José, 19 de março, caso não chova, o sertanejo vê frustradas todas as esperanças de "ano bom". Segundo Gonçalves,

> *A presença da seca é um fenômeno secular e o seu reconhecimento é algo que ocorre no dia a dia: das chuvas que não aparecem nos meses correspondentes a estação chuvosa, de um vento desfavorável a aglomeração de nuvens, do comportamento diferente dos animais da caatinga (GONÇALVES, 2000: 76).*

Sendo assim, o fenômeno da seca e suas consequências marcam a vida dos sertanejos para além do momento em que esta se faz presente. Isso se evidencia na tentativa, por parte dessa população de prever as possibilidades de ocorrência da seca, através da observação da natureza. "Embora as secas não necessitem de previsão, pois são quase certas, o temor que de que ocorram, sem que esteja preparado para tanto, leva o sertanejo a observar seus prenúncios com a mesma ansiedade com que observa os prenúncios de chuva" (OLIVEIRA, 2006:122).

---

[4] Jornal *Correio do Sertão*, 31 de janeiro de 1932, nº728. p. 01.

[5] *Correio de Bonfim*, 03 de maio de 1931. Ed. 31 pag. 01.

Estando, pois, as previsões da Diretoria de Meteorologia do Rio de Janeiro incorretas, a Bahia e o Brasil viram repetir o mesmo quadro de destruição causado pelas secas, fenômeno tão conhecido dos sertanejos. "E, na verdade, para os sertanejos tais experiências valem mais que toda a ciência experimental dos doutores, por que são tradições orais que vêm de outras eras, legadas por seus maiores, homens bem experimentados nesse mister " (MAGALHAES, 1963:254)

O saber dos sertanejos, desenvolvido ao longo do tempo, através do contato direto com a natureza é a maneira usada por eles para tentar prever se, no próximo ano haveria bom inverno ou não. E essas experiências são passadas de pai para filhos. "O tabaréu, entretanto, compreende o que dizem as coisas sem palavras. Não sofre dislexia ante a escrita que aprendeu a ler no ar" (BOAVENTURA, 2006: 203).

O sertanejo geralmente acorda cedo, e observando o nascer do sol já pode tirar algumas conclusões acerca do inverno vindouro, se o sol nascer circundado por um arco-íris é sinal de chuva. O pôr do sol também pode trazer indícios de chuva, se este irradia um tom dourado de luz. A lua do mesmo modo pode se apresentar como indicador de chuva ou seca, observando-se o circulo em volta dela. Assim como fenômenos atmosféricos, como a formação das nuvens. De outubro a janeiro deve-se monitorar a temperatura e direção dos ventos. O comportamento dos animais e plantas da caatinga podiam contribuir para que se percebesse se as chuvas estavam próximas, entre os insetos, as formigas são as mais representativas quando se trata de prever a chegada das chuvas, se for observado que estas mudaram o lugar do formigueiro para outro mais alto, é sinal de trovoada. Entre as plantas, talvez o mandacaru seja o mais conhecido, quando suas flores se abrem é indicativo de fartura. No entanto, os dias de sol não precisam de previsão, eles são certos (OLIVEIRA, 2006).

Vitanor nos conta sobre as experiências que ajudavam a prever a chegada das chuvas, que ele aprendeu com os mais velhos, ao longo do tempo.

> *Ha minha fia, naquele tempo as coisas era boa, era bom. Ói, hoje prepara varias vez pra dar uma chuva, naquele tempo o verão tava assim tinindo, com pouca, começava a ventar do Norte, lá vai, com pouca aparecia uma torrezinha e um relampinho. (...) O povo ficava todo alegre, e lá vai, lá vai é tirar lama de tanque, tirar resto de laminha na lata, que tava mole ainda. Amanha você já via o torreado, o relâmpago já clareando, e hoje não, acabou todos os sinais. De primeiro, se o mandacaru fulorou no seco, já tinha a musica de Luiz Gonzaga, era tiro e queda, pois bom, hoje nada vale, se você visse um sapo bezerro cantar na beira da fonte, podia botar a vazia na goteira, hoje ele canta coitado que só falta morrer (...). Os*

> *sinais de primeiro valia, mas hoje não vale não. Bem que o povo dizia que quando o povo quisesse saber mais que Deus, Ele mudaria os tempo, e mudou mesmo (sic)*[6].

O homem do sertão é como um autodidata, que conhece a natureza através do empirismo. Para Benjamin "A experiência passada de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores" (BENJAMIN, 1993:198). Os narradores têm como matéria prima a própria vida, a narrativa, portanto, no sentido de intercambiar experiências. O narrador retira da sua própria experiência o que conta ou da relatada pelos outros e incorpora às experiências de seus ouvintes (BENJAMIN, 1993). As experiências vividas cotidianamente permitiam que os agricultores pudessem saber o melhor período para cada atividade, o momento de limpar os reservatórios para que pudesse armazenar a água das chuvas, o período de plantar e colher. O agricultor argumenta que no passado os sinais eram infalíveis, hoje, no entanto, eles não funcionam mais, segundo ele o motivo seria que Deus teria mudado os tempos, uma vez que o homem estaria se tornando presunçoso, reforçando mais uma vez que o ser humano deveria ser submisso a Deus para que este pudesse se compadecer de seu sofrimento na terra e pudesse auxiliá-los.

Não podemos deixar de perceber certo saudosismo nas lembranças das pessoas, saudades de uma época em que podiam se basear e projetar suas atividades nos sinais da natureza, um mundo em que eles se reconheciam e se identificavam. Segundo Ricoeur as lembranças são ativadas por gestos habituais, Esses sinais eram visíveis e tinham significado principalmente para a população da zona rural, essa população passou a residir nas cidades, e com as transformações que se operou, com o advento da energia elétrica e a rapidez dos novos transportes, ofuscou uma série de saberes a respeito do mundo rural. Dessa maneira narrativas são silenciadas e personagens esquecidas. Ricoeur analisa que, portanto, o perigo maior seria a proibição "aos atores sociais de seu poder de narrar a sí mesmos" (RICOEUR, 2007: 449)

Houve uma desqualificação desses saberes e essas pessoas perderam legitimidade enquanto testemunhas, que viram esses sinais se realizarem ao longo do tempo. Esse "código da sabedoria popular" perdeu importância, por ser considerado "coisa dos mais velhos", diante muitas vezes de conflitos de gerações, onde outras instituições passaram a ser responsáveis pelas previsões, partindo de seus lugares legitimados socialmente. Como analisa Benjamin (1993), numa sociedade em que as pessoas não se interessam mais pelo que não pode ser abreviado, a narrativa torna-se antiquada. "Mas, se 'dar conselhos' parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis" (BENJAMIN,

[6] Vitanor Moreira dos Santos entrevista realizada no dia 07 de novembro de 2012.

1993:200). Benjamin denuncia dessa forma que, não há mais espaço nessas sociedades para as tradições transmitidas de pai para filho, o tempo agora é o da informação e da efemeridade das coisas.

Os sertanejos podiam se basear também nas eras[7]. A satisfação das necessidades básicas, cultivo da lavoura e o não aparecimento da temida seca, eram entendidas como eras boas. Ao longo do tempo, os sertanejos foram observando a ocorrência de secas que coincidiam com determinados anos, chegando, portanto, a conclusão que havia eras boas e ruins. O senhor Lindolfo aponta que a era de 2 não traz boas lembranças, tendo ficado marcada na memoria da população com marcas profundas de sofrimento e miséria.

> *um dia eu perguntei ao finado Alvino, ele já tava perto de morrer e eu perguntei ao finado Alvino o senhor já viu arguma era de dois boa? E ele disse: só se eu ver antes de morrer. Morreu e não viu, por que teve uma boa em oitenta, mas ele não viu por que ele tinha morrido em oitenta e seis e ele já tinha morrido, ele não viu. Agora toda era de dois era ruim, em cinqüenta e dois mesmo eu comi o diabo (risos) em cinqüenta e dois acabou tudo, tudo, tudo (sic)* [8].

Para essa população no geral as eras boas compreendem os anos com terminações 4 e 5, essas conclusões se baseiam na repetição continuada de fases boas. Os anos que terminam em 2 e 3 são anos que não apresentam esperança de bom inverno. Já os anos com as terminações 6, 7, 8 e 9 são anos neutros, transitórios (GOMES, 1998).

A interferência do divino na região estava muito além do espaço da igreja ou de seus sacramentos, estava relacionado também a sua vida mundana e cotidiana. "A formação cristã da gente sertaneja deve-se basicamente às missões itinerantes" (SILVA, 1982:33). Dejulina aponta na sua fala essa distancia em relação ao espaço físico da igreja e dos seus ritos. "(...) ninguém ia em missa, como era que ia? Missa era de ano em ano, num era todo domingo."[9] A igreja catequizava mas não se fazia presente. Na ausência dos párocos, essa população acabou por fazer adaptações, configurando o catolicismo as suas necessidades cotidianas, que iam muito além dos dogmas estabelecidos pela igreja. O homem oriundo de uma cultura rural sente o sagrado como uma dimensão poderosa que lhes é totalmente estranha, e sentem-se profundamente dependentes das condições naturais.

> *A própria idéia sobre Deus passava a ser ressignificada pelo homem do sertão estabelecendo relações entre as intempéries climáticas, a fome, a morte, a um Deus castigador, lembrança do Jeová calamitoso dos Hebreus. Essa divindade seria uma*

[7] Segundo os informantes o termo "era" é entendido como referencia ao tempo, tomando o ultimo algarismo como definidor da era, exemplo, o ano de 1932 é definido como era de 2 .
[8] Senhor Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida a autora em 27 de novembro de 2011.
[9] Dejulina Francolina Ferreira, entrevista concedida a autora em 29 de Novembro de 2011.

> *potencia da terra seca. Se os sertanejos responsabilizavam Deus pelas leis ferozes, maldiçoes e castigos eternos, recorriam a Jesus como providencia mediadora, encarregado de amansar a dureza das leis naturais e de distribuir o bem e a felicidade (SILVA JUNIOR, 2009: 138)*

A ameaça da seca e suas terríveis consequências era uma constante na vida dos sertanejos, a possibilidade de que o inverno não fosse bom, causava insegurança e medo, fazendo com que essas pessoas se sentissem pequenas e impotentes diante tamanha força que é a natureza. A seca era entendida como um castigo pelos pecados cometidos pela população, as dificuldades impostas deveriam ser percebidas enquanto punição, dessa maneira, a religiosidade sertaneja era calcada em uma "perspectiva penitencial". "A seca enquanto decorrência de metafísicos, constituindo-se em expressão de um 'castigo divino' destinado a purgar os pecados cometidos ou sendo fruto de um 'esquecimento' do Senhor em relação as necessidades dos grupos vitimados" (ARAUJO, 2000: 11)

> *Quem envolto nas ardências constantes do Nordeste, não se enche de pavor na antevisão dessa seca eterna? Suas carências e dores mais cruéis, que o cotidiano oferece como castigo e expiação, prolongadas para sempre? Há como que uma experiência ecológica e existencial do inferno que reforça o sentimento de culpa e o rigor penitencial (SILVA, 1982: 48).*

Para os sertanejos o inferno seria uma seca eterna. A seca enquanto castigo, deveria servir para purgar os pecados aqui na terra, para que pudessem gozar da felicidade eterna, sem as privações que as secas impõem "mortificando a vida, pra viver na morte". Seria representado por polos opostos, inferno representando a seca, o que a população dessa região conhecia de mais triste e penoso, e o céu imaginado, seria o bom inverno, com fartura e abundancia.

"Um grande desanimo se reflecte nas coisas e nas creaturas, no gemer do vento na galharia ressequida das arvores e no mugir tristissimo do gado em torno das cacimbas sem água. Que maldição terrível teria descido sobre a região infeliz, para tanto sofrimentto e tanta dor ?"[10]. O jornal *Correio de Bonfim* aborda a questão da seca enquanto castigo divino, e busca entender qual teia sido o pecado cometido pela população da região para que merecesse tamanha punição. Ao analisar dessa maneira, um fenômeno que nesse período, meados do ano de 31, ainda não causava grandes prejuízos a outras camadas da população, que não fosse aquelas diretamente ligadas a lavoura, isentava o poder público de qualquer responsabilidade, sendo castigo dos céus, nada se podia fazer.

[10] Correio de Bonfim 28 de junho de 31 ed.39 pag. 1

Transformar o fenômeno da seca em um problema apenas hídrico e natural era negar que a situação de penúria em que vivia essa população dizia muito mais respeito a uma estrutura social, política e econômica excludente e concentradora. Portanto, desviava-se o foco dos problemas sociais, que eram apenas agravados pela seca, para transformá-la em algo natural e intransponível. A situação de pobreza estava presente antes da seca, e não se acabava com o fim desta, essa população enfrentava dificuldades cotidianas de baixo de chuva ou de sol.

Segundo Carlos Alberto Steil (1996), ao trabalhar com a experiência da romaria em Bom Jesus da Lapa, ele aponta o fato de que a partir dos séculos XVI e XVII houve um novo impulso em relação ao culto aos santos, onde estes passaram a ser incorporados ao sistema e práticas do catolicismo universal, permitindo que estes se tornassem uma maneira de estender a presença da igreja, libertando as devoções dos espaços restritos do templo (STEIL, 1996). A religiosidade no sertão perpassa todos os estágios da vida, as festas estão profundamente ligadas aos aspectos religiosos, assim como o trabalho.

> *Nos folguedos populares quase tudo persistia a invocação de santos e o temor ao castigo dos céus. Nos mês de Junho, considerado o mês dos santos, os sertanejos reúnem versos e orações demonstrando o temor a Deus e o respeito aos santos e os céus (...). Estabelecendo uma relação com o divino em todas as suas ações, transformando sua vida, num grande ato litúrgico (SILVA JUNIOR, 2009: 138).*

Os santos deveriam interceder a favor dos sertanejos junto a Deus, em março São José e no mês de junho, São Pedro e São João, tinham por tarefa auxiliar os sertanejos para que esses tivessem um ano de fartura. Faziam-se orações, procissões e promessas pessoais ou coletivas a fim de que afastar a possibilidade de seca. As secas eram entendidas enquanto um desequilíbrio entre as ações dos homens, que estavam em falta com os santos e os céus. Assim as rezas, romarias, novenas e festejos eram entendidos como uma maneira de reestabelecer esse equilíbrio e dessa maneira os santos fariam a ressacralização desses espaços.

> *Existem, entretanto, algumas lendas em que os santos do catolicismo são figuras capitulares. Assim é que para virem as chuvas, com abundancia, costuma-se as vezes, proceder a transferência das imagens de um altar para outro, não só dentro da mesma igreja, vila ou cidade, senão, também, para altares situados a varias léguas de distancia. É costume, outrossim, roubar e ocultar os santos de altares particulares. Estas imagens, destarte, expatriadas, só voltarão a seus próprios lares quando o inverno se manifestar (MAGALHÃES, 1963: 255)*

O dia de São José, dia 19 de março é a esperança última do sertanejo, se chover nesse dia, o inverno também será de chuva. Existe ainda a crença que o milho plantado nesse dia estará maduro para ser colhido no São João. Uma adivinhação bastante conhecida em toda

região do semiárido, é a das pedrinhas de sal, consistia em colocar pedrinhas de sal grosso em cima dos nomes correspondentes aos meses do ano no peitoril de uma janela pelo lado de fora, na madrugada do primeiro dia do ano, antes do sol nascer, deveria se verificar quais se dissolveram durante a noite e em cima de quais nomes, esses corresponderão aos meses chuvosos do ano seguinte (OLIVEIRA, 2006).

> *A gente que aí nasce, vive, cria, ama, luta e morre está plasmada pelo sertão. Em contato direto com a natureza, dela depende grande parte de suas necessidades básicas. Limitada em suas necessidades culturais, sente-se ameaçada por forças incontroláveis e inexplicáveis, de que a seca com sua seqüela de fomes e doenças, é a trágica referencia maior. Sensível ao apelo de soluções míticas e mágicas enraizadas em seu universo religioso (SILVA, 1982:48).*

As festas religiosas, os festejos para os santos, eram diretamente ligadas aos períodos de colheitas. A população sertaneja para que pudessem oferecer os dízimos, pagar as promessas aos santos e participar dos festejos, o tempo deveria ser favorável. "o tempo e o modo da festa articulam-se diretamente ao tempo do trabalho" (SANTANA,1998:63). É uma religiosidade pragmática, onde é possível perceber, por exemplo, a solidariedade em forma de adjuntório, boi roubado, quebras e tiras de licuri e etc.

Nesses momentos, assim como em toda a vida sertaneja, o trabalho esta intimamente ligado a religiosidade e a festa. Podemos perceber nas praticas da religiosidade sertaneja que não há sacrifícios de animais, uma vez que a situação de penúria vivida por essa população não permitia que estes pudessem oferecer víveres como sacrifícios. Os próprios sertanejos já eram transformados em vítimas, na sua labuta diária pela sobrevivência, dessa maneira, as dificuldades diárias impostas a eles influenciavam também as formas da religiosidade local. "seu corpo e o espirito- foram convertidos na simbólica diária da oferenda possível" (GOMES, 1998:135). Os sacrifícios eram feitos usando o próprio corpo em longas e dolorosas caminhadas, ou romarias para pagar promessas.

> *A comunidade, indiscutivelmente sensível ao apelo religioso, é cônscio também de outras tantas razões, muito humanas. O tempo deveria ser favorável, o que vale dizer lavoura promissora, safra satisfatória, água menos escassa, época não chuvosa. Condicionantes nem sempre reunidas, mas sempre analisadas como pré-requisitos para o êxito (SILVA, 1982: 39).*

O catolicismo popular, enquanto uma religiosidade que deriva de uma "matriz erudita" assim como de uma tradição popular que agrega a influencia de várias outras religiosidades e acaba por se afastar desse catolicismo oficial (ZALUAR, 1983). Muito desse "código de sabedoria popular", festejos e promessas eram considerados pela Igreja enquanto "folclore dos subalternos".

Não podemos achar que a submissão dos homens e mulheres do sertão diante das leis da natureza e de Deus, era simplesmente passividade, a confiança que Deus vai prover e ajudar nos momentos de dificuldade, não significa que estes não estivessem atentos as obrigações dos governantes aqui na terra. Era muito mais a ideia de confiar na justiça e generosidade divina que seria superior a dos homens, uma vez que estes sofriam a exploração do homem pelo homem e esquecidos pelos governantes.

> *Há uma grande distancia entre aceitar os desastres ecológicos por falta de defesas culturais proporcionadas e submeter-se às injustiças e violências como vontade divina. Aqui também não alvitra o povo uma saída racional para os impasses, mas sua sabedoria destila uma desconfiança crítica em relação ao poder político (SILVA, 1982:61).*

A configuração da religiosidade sertaneja á sua maneira, adaptando as suas concepções de vida, em muitos momentos se afastando da ortodoxia da igreja, foi considerada enquanto práticas de pessoas rústicas, atrasadas, não civilizadas, entendidas como crendices, superstições e erros. Essa ideia, baseada na concepção de sagrado divulgado pelos dogmas da igreja, classifica certos atos e manifestações da religiosidade sertaneja enquanto "profanos".

> *Esses saberes populares podem ser entendidos como brechas de autonomia dessa população diante do lugar de subalternidade que lhes confere. Muitas vezes tendo os conflitos sociais expressos em seus símbolos podendo servir de base para movimentos sociais em momentos de crise (ZALUAR, 1963)*

Não podemos esquecer que muitos dos movimentos sociais que mais repercutiram no Nordeste foram movimentos que tinham como base o catolicismo "rústico" ou popular. No entanto, sob o olhar preconceituoso que buscava definir o sagrado dentro de determinados limites definidos pela igreja, a religiosidade sertaneja foi vista como crendices, assim como os movimentos sociais do sertão foram entendidos enquanto "fanatismo".

Rui Facó em seu livro *Cangaceiros e Fanáticos* aborda as causas de movimentos sociais como o Cangaço e o surgimento de líderes religiosos que foram entendidos enquanto "fanáticos" tendo como causas uma base "perfeitamente material". Busca na origem de personagens como Lampião, Corisco e tantos outros, a miséria, o analfabetismo e a exploração sofrida como as causas e o surgimento destes. Para o autor, esses movimentos foram uma resposta a miséria em que viviam, cuja a via de expressão foi a religião ou as armas (FACÓ, 1980).

# REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes.* 2ª. ed.Recife:FJN,Ed. Massangana; São Paulo:Cortez,2001.

_____. "Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste".In:*Revista Brasileira de História.*Órgão da Associação Nacional de História(Ex Associação Nacional de Professores Universitários de História).São Paulo.ANPUH /Marco Zero,vol.14,nº28,1994.

_____. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino- de problema à solução (1877-1922).* (Dissertação) Mestrado em História do Brasil. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 1998.

ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ARAUJO, Maria Lia Corrêa de. "Seca: fenômeno de muitas faces". *Cad. Est. Soc. Recife.* v.16,n.1pag. 5-27, Jan./ Jun, 2000

BARREIRO, José Carlos. "Tradição, Cultura e Protesto Popular no Brasil, 1780-1880". *Projeto História*, São Paulo, nº 16, 1998.

_____. *E.P. Thompson e a Historiografia Brasileira:* Revisões Críticas e Projeções. Proj. História, São Paulo, out. 1995.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

CAMPOS, Roberta B. Carneiro. "Sofrimento, misericórdia e caridade em Juazeiro do Norte: uma visão antropológica das emoções na construção da sociabilidade". *Ci & Tróp. Recife,v.* 30 n.2, pag.253-266. Jul/dez, 2002.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: dilema brasileiro: pão ou aço.*Rio de janeiro:Edições Antares,1984.

CRUZ, Heloisa de faria; PEIXOTO. Maria do Rosario da C. “Na oficina do historiador: conversas sobre historia e imprensa”. *Projeto Historia, São Paulo, nº 35. P. 1-411, dezembro/2007.*

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo-SP, Ed. Martin Claret, 2003.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Civilização Brasileira, 1980.

FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George Alexandre F; FARIAS, Hélio Takashi M. “Adentrando Sertões: considerações sobre a delimitação do território das secas”. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales,* Barcelona, v. 10, n. 218 (64), 01 ago. 2006. Disponível em < http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-62.htm>. Acesso em: 10 de Fevereiro de 2013.

FISHER, Izaura Rufino; ALBUQUERQUE, Ligia. “A mulher e a emergência da seca no Nordeste do Brasil”. *Trabalhos para discussão*. nº 139, julho de 2002.

GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX(Sociedade e Política).* Dissertação de Mestrado. Salvador, FFCH/UFBA, 2000.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola; SAMPAIO, Wilson Correia. (Org.) *Missionários e Beatos nos sertões Nordestinos: ações socializadoras e formativas (séculos XVIII-XX).* Maceió, EDUFAL, 2011.

MAGALHÃES, J. Previsões folclóricas das sêcas e dos invernos no Nordeste brasileiro. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

MARTINS, Daiane Dantas. *Um flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobrevivência na seca de 1932 (Vila de Canabrava do Gonçalo/Xique-Xique).* (Dissertação) Mestrado, Santo Antonio de Jesus, UNEB, 2010.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará.* Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

OLIVEIRA, Joseane Bispo.*Trabalho e sociabilidade no sertão da Bahia:as “quebras” e “tiras” do licur*i.2009 (Dissertação de Mestrado)

OLIVEIRA, Maria Vanilda Moraes. “Prevendo o tempo em Tanquinho, Bahia”. *Sitientibus: série Ciências Biologicas:* 120-124, v.06, 2006.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. “Canções da cidade amanhecente”: urbanização, memórias urbanas e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960.( Tese ), 2011.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo, Record, 1986.

SANTANA, Charles D’Almeida. *Fartura e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980.* São Paulo: Annablume, 1998.

SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA JUNIOR, Agenor Soares e. “*Homo Religiosus* na formação do semi-arido cearense”. *Revista Homem, Espaço e Tempo*, set/out de 2009.

SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*, Salvador:EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da lapa- Ba*. Petropolis, Ed. Vozes, 1996.

THOMSON, Alistair, FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”, IN: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VASCONCELOS, Claudia Pereira. Ser-Tão baiano:O lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana, Salvador: EDUFBA, 2011.

ZALUAR, Alba. *Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de janeiro, Zahar Editores, 1983.